

Apresentação

Os escritores fazem as literaturas nacionais e os tradutores fazem a literatura universal. Sem os tradutores, os escritores não seríamos nada, estaríamos condenados a viver encerrados na nossa língua.

José Saramago

As palavras em epígrafe, já bastante conhecidas, proferidas pelo escritor português José Saramago, nos parecem apropriadas para introduzir este número da *Cadernos de Letras da UFF*, dedicado a examinar obras brasileiras em tradução. No âmbito da literatura mundial, podemos concordar com Saramago em que, cada vez mais, são os tradutores e as tradutoras, e também outros profissionais do livro, os responsáveis por fazer os textos extrapolarem os limites das fronteiras do idioma em que foram escritos e, em muitos casos, como o de Saramago, receberem o devido prestígio da comunidade internacional. No âmbito específico da cultura brasileira, considerada periférica em relação às culturas europeias e anglófonas e mais importadora de literatura do que exportadora, a função da tradução adquire um papel político de dar visibilidade à vasta produção nacional, reafirmando sua importância para os meios artísticos e intelectuais.

Nesse sentido, os artigos aqui reunidos buscam apresentar panoramas pontuais sobre como determinadas obras brasileiras foram ou podem ser traduzidas e como questões textuais e culturais foram abordadas em diferentes contextos tradutórios e sob diferentes abordagens metodológicas e teóricas. Embora este número não dê conta de toda a produção nacional que foi ou está sendo traduzida e publicada em terras estrangeiras, as análises oferecidas abrangem desde autores já considerados canônicos, como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Clarice Lispector,

a autores consagrados, mas com menos visibilidade internacional, como Cornélio Penna, Ferreira Gullar e Carolina Maria de Jesus, e até uma autora contemporânea e multiartista, como Mel Duarte.

A par dessa pluralidade, vemos também uma pluralidade de estilos literários e proveniências geográficas e sociais entre as autoras e os autores cujas obras traduzidas são examinadas seja com base em uma abordagem descritivista (“O tradutor como divulgador – ou não – da cultura do texto de partida”); um exame de notas e paratextos (além do artigo anterior, ver também “De Fronteira a *Threshold*: a tradução densa na obra de Cornélio Penna” e “Tradução desde o sul: uma análise paratextual da obra *Negra desnuda cruda*”); uma análise da recepção estrangeira (“*Complete Stories*, de Clarice Lispector: um sucesso editorial e de crítica”); a partir do perfil do tradutor ou da tradutora (conferir “August Willemssen e a recriação em neerlandês de *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa” e “O Guimarães Rosa francês de Oseki-Dépré”); como crítica e análise poética (“*Poema sujo* em inglês: Leland Guyer traduzindo Ferreira Gullar); e como tradução comentada (“Carolina Maria de Jesus: três poemas versados”). Todos esses artigos, apresentados a seguir com mais detalhes, nos remetem a uma visão mais ampla sobre como a literatura brasileira tem sido traduzida e é vista aos olhos estrangeiros por meio de pesquisas que investigam o *status*, os desafios e o panorama da produção de textos brasileiros tal como revelado por meio de sua tradução, publicação e edição em outras línguas.

No primeiro artigo, Walter Carlos Costa nos oferece uma rica análise da tradução de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, para o neerlandês, por August Willemssen, iniciando por uma resenha bibliográfica do tradutor, especialista em literatura brasileira, e descrevendo seu método de tradução bem definido – seguido à risca –, expresso em posfácios com que acompanhava suas traduções. O aspecto central desse método é não traduzir o livro, e sim o autor, mesmo que dele se traduza, de fato, apenas uma obra, e isso envolve conhecer o autor, seu lugar, a história de seu país

e sua literatura, suas leituras e fortuna crítica. O autor passa a descrever a tradução de Willemsen a partir de exemplos retirados do texto e do discurso de acompanhamento, frisando como características principais a criatividade e a flexibilidade, uma vez que, em ocasiões, o tradutor deixa de acompanhar as inovações do texto rosiano, mas em outras ele produz neologismos próprios e “astutas combinações sintáticas e morfológicas, tirando proveito dos recursos do neerlandês” (COSTA, 2022, p. 26).

Elvis Borges Machado apresenta, assim como Costa, um estudo sobre a tradução de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa: neste caso, a tradução para o francês publicada em 1982 por Inês Oseki-Dépré. No artigo, é assinalada a necessidade que havia de se retraduzir o autor em função dos desenvolvimentos teóricos da tradução feitos na época por Antoine Berman, Henri Meschonnic e Haroldo de Campos, uma vez que as traduções anteriores, da década de 1960, representavam “uma prática tradutória um pouco tradicional e dentro dos critérios clássicos do passado” (MACHADO, 2022, p. 31). Assim, é apontada a inovação crítica que a tradução de Oseki-Dépré significou no âmbito francófono. O autor analisa em detalhe o trabalho da tradutora sobre a letra da obra, particularmente ocorrências fonológicas, tais como onomatopeias, aliterações e rimas, além do ritmo e rupturas sintáticas. Conclui observando que a tradução consegue “promover um permanente deslocamento de fronteiras e uma abertura para a diferença e alteridade, capazes de potencializar a força crítica e imagética do texto rosiano” (MACHADO, 2022, p. 47).

Em seguida, Luana Ferreira de Freitas explora a recepção da literatura brasileira no exterior para analisar o caso da obra de Clarice Lispector no mundo anglófono, especialmente as circunstâncias em que defende a tradução dos *Contos Completos*, de 2015, assinada por Katrina Dodson, se tornou um divisor de águas na posição que a autora ocupa no espaço mundial. A autora demonstra sua tese, em grande medida, por meio da análise das menções a Clarice Lispector em *The New York Times*, e

também pela importante presença de resenhas na imprensa. No entanto, o fator decisivo foi a própria tradutora, em função dos vários prêmios a que fez jus com sua tradução. A autora também analisa o reposicionamento de Clarice no espaço literário anglófono e internacional com auxílio de dados referentes ao grande aumento de traduções e retraduições de sua obra a partir da publicação dessa tradução.

Adriana Mayumi Iwasa Braccini e Válmi Hatje-Faggion trazem uma análise descritiva e comparativa das duas traduções de *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis, para o inglês, investigando a mediação intercultural feita com base no uso de notas dos tradutores em torno de assuntos tais como a crítica social e marcadores culturais presentes na narrativa, com o fim de estabelecer possíveis impactos e implicações para o leitor de língua inglesa. A abordagem teórica das autoras gira em torno do estatuto paratextual ou autorial das notas do tradutor e sua incidência no contexto da dicotomia domesticação–estrangeirização, e concluem que, muito embora as notas pareçam ser mais compatíveis, de modo geral, com a estratégia estrangeirizadora, seu uso não implica, necessariamente, o completo sucesso na mediação intercultural.

Maria Alice G. Antunes e Lais Alves analisam a tradução de *Fronteira*, de Cornélio Penna, para o inglês – *Threshold* –, assinada por Tona Riggio e Edward Riggio, à luz do conceito de “tradução densa”. Esse conceito, desenvolvido inicialmente por Kwame Anthony Appiah (1993) e aprofundado por Theo Hermans (2003), aplica-se a traduções que incluem peritextos, tais como notas, posfácios e ilustrações, a fim de preservar características dos contextos cultural e linguístico, bem como a riqueza interpretativa da obra, acolhendo o estrangeiro e a diferença. As autoras destacam a tradução dos Riggio como caso paradigmático de esforço no sentido de inovar na interpretação de obras traduzidas da literatura traduzida, em função da adesão da obra – e de sua tradução – ao chamado “gótico brasileiro”, com a inclusão de um glossário e um posfácio. O artigo

situa *Threshold* na história da literatura brasileira traduzida e como romance gótico, incluindo uma detalhada resenha da obra como subsídio ao estudo.

Em “*Poema sujo* em inglês: Leland Guyer traduzindo Ferreira Gullar”, Ana Paula Chamorro Bonow e Juliana Steil analisam a tradução do famoso e extenso poema do autor maranhense. O poema, de 1975, foi escrito por Gullar no exílio em Buenos Aires e, com a projeção nacional do poema por sua temática testemunhal e sua proposta gráfica e formal inovadora, o sucesso o impulsionou a voltar ao Brasil apesar da perseguição que sofria da ditadura militar. As autoras, além de apresentarem um contexto de publicação e crítica do poema no Brasil, tratam no artigo também do contexto editorial da tradução estadunidense realizada e proposta por Leland Guyer para a editora *New Directions*. O cerne do artigo, entretanto, concentra-se numa detalhada análise da tradução para a língua inglesa, levando em consideração diversos aspectos da forma poética, tanto do texto de partida quanto da tradução, que marcam as possibilidades de recriação do poema.

Dando sequência à tradução de poesia brasileira, apresentamos dois artigos que tratam da tradução de poetisas negras. No primeiro artigo, Luísa Arantes Bahia, Larissa Silva Leitão Daroda e Carolina Alves Magaldi traduzem para a língua inglesa três poemas de Carolina Maria de Jesus, até então inéditos nesse idioma. Em “Carolina Maria de Jesus: três poemas vertidos para o inglês”, as tradutoras oferecem um comentário crítico sobre os poemas, escolhidos para tradução considerando temas representativos da obra poética de Carolina, a saber: infância e nostalgia, nacionalismo e amor. Os poemas fazem parte da obra póstuma *Antologia Pessoal* (1996), mas escritos “no período compreendido entre duas ditaduras, a de 1945 e a de 1964, o que explica algumas de suas opções temáticas, como o nacionalismo e a adversidade” (BAHIA; DARODA; MAGALDI, 2022, p. 153). As autoras-tradutoras também destacam questões de forma nos poemas, como o registro mais formal do que nos diários de Carolina Maria

de Jesus e um estilo poético mais conservador que remonta a Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias, duas importantes referências para os poemas aqui apresentados em tradução.

Já o artigo seguinte, de Thayná Barros Soares e Luciana de Mesquita Silva, intitulado “Tradução desde o sul: uma análise paratextual da obra *Negra desnuda cruda*”, versa sobre a tradução do livro de poemas *Negra nua crua* (2016) da escritora, *slammer* e produtora cultural paulista Mel Duarte, nascida em 1988. Se, nos dois artigos anteriores, o enfoque das análises recaía sobre a textualidade das traduções em níveis micro e macrotextuais, nesta pesquisa de Soares e Silva o objetivo é examinar os elementos paratextuais da tradução espanhola, realizada por Aline Pereira da Encarnação e publicada pela Ediciones Ambulantes em Madri, em 2018. A partir de análises de notas de rodapé, capa, quarta capa e orelhas, e tomando como base teórica as reflexões de Lefevere (1995), Genette (2009), Garrido Vilariño (2007), Yuste Frías (2014) e nascimento (2014), entre outros, as autoras se detêm sobre os índices icônicos e verbo-icônicos que ajudam a compor a imagem e a obra de Mel Duarte e que extrapolam os limites da página poética e atestam a preocupação editorial em apresentar as várias facetas dessa autora contemporânea que traz em sua obras marcas da condição de negra e periférica e transcende os espaços tradicionalmente elitistas da literatura *mainstream*.

Por último, na seção *Varia*, trazemos o artigo “Comentários interativos como potencializadores do processo de (re)escrita de estudantes do ensino superior na modalidade semipresencial” de Bruna Rafaela dos Santos, Róger Sullivan Faleiro, Kári Lúcia Forneck e Carolina Taís Werlang, pesquisadores da Universidade do Vale do Taquari – Univates. Os autores realizaram uma pesquisa sobre produção textual de graduandos em ambiente virtual por meio de uma atividade interativa. O objetivo era investigar “se a interação dos estudantes, nesse contexto, é eficaz e os auxilia a aprimorar sua escrita. Além disso, buscou-se criar um panorama sobre

as percepções dos participantes em relação a esse percurso” (SANTOS; FALEIRO; FORNECK; WERLANG, 2022, p. 197). Eles afirmam, ao final da pesquisa, que a interação trouxe resultados positivos para a produção textual dos alunos tanto na reescrita dos textos quanto nas atividades de revisão e de resposta ao questionário final sobre o método desenvolvido. Demonstram também que o ambiente virtual pode trazer boas contribuições à aprendizagem com o uso de ferramentas apropriadas que levem em consideração as interações e os sujeitos nelas envolvidos.

Esperamos que, ao cabo da leitura dos artigos ora apresentados, os leitores e as leitoras se sintam convidados a explorar os demais trabalhos que se debruçam sobre a literatura brasileira traduzida, como os artigos do livro *Literatura traduzida e literatura nacional* (org. Andréia Guerini Marie-Hélène C. Torres Walter Carlos Costa, 2008), teses e dissertações como as de Gomes (2005), Spézia (2015), Morinaka (2017) e tantas outras, além dos diversos textos disponíveis sobre o tema, muitos deles citados nas bibliografias do presente número, para então aprofundar a pesquisa sobre obras ainda não contempladas pela análise e reflexão crítica.

Carolina Paganine (UFF)

Pablo Cardellino Soto (UnB)

Organizadores

Referências

GOMES, Maria Lúcia Santos Daflon. *Identidades Refletidas*. Rio de Janeiro, 2005. 166 pp. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0310746_05_pretextual.

[pdf](#). Acesso em 12 dez. 2022.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C.; COSTA, Walter Carlos (org). Literatura traduzida e literatura nacional. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/romulo/Literaturatraduzidaeliteraturanacional2008.pdf. Acesso em 12 dez. 2022.

MORINAKA, Eliza Mitiyo. Política cultural e jogos de poder na tradução da narrativa de ficção brasileira nos estados unidos (1943-1947). Salvador, 2017. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26668>. Acesso em 12 dez. 2022.

Fundação José Saramago. Os escritores fazem as literaturas nacionais e os tradutores fazem a literatura universal. Sem os tradutores,[...]. 05 fev. 2018. Facebook: [@fjsaramago](https://www.facebook.com/fjsaramago). Disponível em: <https://www.facebook.com/fjsaramago/posts/1882398691831538>. Acesso em 12 dez. 2022.

SPÉZIA, Karla. A literatura brasileira traduzida na França de 2000 a 2013: uma perspectiva descritiva e sociológica. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/160543>. Acesso em 12 dez. 2022.